

Romance traz Lima Barreto apaixonado

Após ensaio premiado sobre autor, Luciana Hidalgo estreia na ficção

Livro ambientado na belle époque carioca mostra a juventude do escritor, já mordaz, porém puro e idealista

FABIO VICTOR
DE SÃO PAULO

Pesquisadora dos limites entre sanidade e loucura em Lima Barreto, a jornalista Luciana Hidalgo recorreu à ficção para mostrar uma face menos conhecida do escritor.

Recém-lançado pela Rocco, o romance “O Passeador” constrói um personagem terno, puro e idealista.

Ao percorrer a juventude de Lima Barreto (1881-1922), antes de ele publicar os livros que o tornariam respeitado, Hidalgo revela um homem já mordaz, mas bem mais suave que aquele da fase adulta —amargurado, belicoso e atormentado por alucinações decorrentes do álcool.

“Ele buscava a sinceridade, a verdade e a pureza. Mas, com as dificuldades e a rejeição que enfrentou, inclusive da crítica, foi se amargurando. Por isso que escrevo [no livro] que só é muito cínico quem um dia já foi muito ingênuo”, conta a autora.

O primeiro mergulho de Hidalgo no gênio do autor de “Triste Fim de Policarpo Quaresma” produziu “Literatura da Urgência - Lima Barreto no Domínio da Loucura” (Annablume), ganhador do prêmio Jabuti de crítica literária em 2009 e derivado da sua tese de doutorado em literatura comparada na Uerj (Universidade do Estado do RJ).

Se naquele trabalho a jornalista investigou a influência da experiência manicomial sobre a escrita de Lima Barreto, agora a aventura ficcional lhe garante maior licença para mesclar gêneros.

Meio novela, meio romance, “O Passeador” —que recebeu a Bolsa Funarte de Criação Literária, de R\$ 30 mil— agrega pitadas de história e ensaio e traz dados biográficos e trechos do diário de Lima Barreto.

O cenário é o Rio da belle époque, entre 1904 e 1905, um caótico canteiro de obras da reforma urbana do prefeito Pereira Passos.

O personagem de Lima Barreto, identificado pelo primeiro nome do escritor, Afonso, é o “passeador” do título, que, inconformado com a descaracterização da cidade, faz vigílias noturnas observando as alterações.

Durante o dia, divide-se entre o trabalho burocrático na Secretaria da Guerra e as idas ao sebo do livreiro português Tiago, onde trabalha a jovem Sofia, cuja origem a

trama desvenda aos poucos —e com quem Afonso mantém um flerte platônico.

Nascido há 130 anos no Rio, o que justifica tantos títulos em torno dele em 2011, Lima Barreto foi um celibatário. Ia a prostíbulos, mas, recorda Hidalgo, saía enojado.

Seria Sofia um alter ego de Luciana Hidalgo? “Tem um pouquinho, sim. A paixão pela literatura, o idealismo. Mas Sofia também é meio que um duplo feminino dele.”

Ex-repórter de cultura do “Jornal do Brasil” e de “O Globo”, a carioca Hidalgo, 46, que mora temporariamente na França, onde faz pós-doutorado na Universidade Sorbonne/Paris 3, é autora da biografia de outro artista a ter sua obra impregnada pela internação manicomial: Arthur Bispo do Rosário (1911-1989).

“O Senhor do Labirinto”, premiado em 97 com o Jabuti de livro-reportagem e base do filme homônimo de Geraldo Motta que deve ir a circuito em 2012, acaba de ganhar reedição atualizada (Rocco).

Após se debruçar nos últimos anos sobre a relação entre loucura e criação, a autora investiga agora a chamada autoficção, tema de seu pós-doc. Em julho de 2012, participará de um colóquio internacional sobre o tema em Cerisy, na Normandia, e planeja ainda um próximo romance, uma história de amor.

O PASSEADOR

AUTORA Luciana Hidalgo

EDITORIA Rocco

QUANTO R\$ 26 (192 págs.)

TRECHO

Ainda sob o impacto da ofensa, anda em traçados tortuosos até se dar conta de que está na frente da Confeitaria Colombo. (...)

Um homem desfila numa capa comprida, quente demais para a estação, com uma arrogância só amortecida pelo tombo que leva. Outro tem o pescoço enlaçado por uma gravata de cor brilhante e os pés enfiados em sapatos excessivamente bicudos (...)

Ao longe vê uma grande mesa com Olavo Bilac numa cabeceira e Coelho Neto na outra (...). Tudo neles soa exagerado (...)

Afonso dá o último gole (...), enquanto tira um pedaço de papel do bolso. Olha para um lado, para o outro, certo de que ninguém presta atenção a seus movimentos, e o enche com o desabafo: “É triste não ser branco”. Dobra a frase e a recolhe.

Extraído de “O Passeador”